

Prefácio

Pierre Sanchis

É momento significativo numa trajetória intelectual aquele em que o especialista – teórico e prático – de um campo contemporâneo mergulha no não-dito que este campo encerra, nas sedimentações históricas que continuam nutrindo o discurso dos seus atores ou, pelo menos, com as quais este discurso tem de se haver.

Vários autores estão aqui presentes: o povo romeiro, os moradores do Vale e da Lapa, os clérigos administradores do sagrado deste santuário – mas também a memória nacional, o Santo. Presenças latentes e difusas estas que um observador descuidado – ou por demais racionalmente imediatista – poderia não perceber, mas que, acrescentadas ao “real”, o envolvem, constantemente o constituem e o revitalizam e, para isto, entregam-se ao jogo variegado da História e do Mito.

É aqui que um novo ator intervém: o analista. Íntimo conhecedor destes complexos rituais e das formas de consciência que implicam, Carlos Alberto Steil sabe, tomando distância sem perder uma familiaridade lúcida, encontrar o ponto geométrico a parti do qual os fios dessas presenças se entrelaçam para constituir o fenômeno: a romaria, esta romaria. Implantada no sertão da Bahia há séculos, a Romaria do Bom Jesus da Lapa continua essencial à geografia imaginária do sertanejo, polarizando parte de suas energias vitais, mas o faz sob modalidades constantemente retrabalhadas pela história: a história da sociedade local, a história do Brasil, a história do catolicismo brasileiro, a história, enfim, da sociedade e da consciência humanas. Fenômeno tradicional e, no entanto, emergindo que está na modernidade ambiente, preenhe de sua própria modernidade.

E este trabalho histórico de sucessivas rearticulações, que Carlos Alberto Steil restitui para o leitor, vem desembocar numa realidade contemporânea por sua vez multifacetada em seu sentido. “O Romeiro” é muitos, a “Romaria”, significante a vários níveis e várias direções. Por isso mesmo, até numa forma ritual única, ela poderá abrigar o recorte de múltiplas diferenças. Os discursos, nela, entrecruzam-se, tecendo de modo renovado piedade e impulso vital, súplica e responsabilidade, sacramentos e emoção, rito e história, modernidade eclesiástica e tradição popular, cultura e práxis cotidiana, religião e política. O último capítulo sobre as “Romarias da Terra” mostra bem como o fenômeno desta natureza, que envolve juntos instituição clerical e espontaneidade leiga, impulso romeiro atávico, talvez universal, e determinações históricas particularizantes, tradições (“tradição”) e constante reflexo das novidades ambientes, emergência “encantada” acima do cotidiano e enraizar no mais concreto da situação, de seus interesses, de sua lutas, consegue inscrever-se ativamente na história: sempre reconhecível numa identidade que atravessa (civilizações e) séculos, mas sempre “outro” e “novo”. Radicalmente permanente e/ mas constantemente reinventado.

Carlos Alberto Steil não se limita, aliás, a uma simples constatação. Ele articula dialeticamente estes elementos: as representações conflitantes da romaria vivem, umas e outras, de suas relações, é através da tradição que o novo se legitima, mas sem as formas novas, que este “novo” representa, a própria tradição deixaria de existir. “Convenção” e “invenção” se reforçam mutuamente.

Finalmente, uma aguda análise do jogo de esconde-esconde entre o mito e a razão lhe permite, sem abandonar o caso empírico da Romaria da Lapa, chegar ao nível radicalizante o rito, e de suas condições de existência e funcionamento em regime “católico”, no mundo de nossa modernidade.

Assim é que, ultrapassando as limitações de um estudo reduzidamente segmentário, preocupado nem pelo “popular” só, nem pelo “institucional”, nem pela “religião” só, nem pela “política” só, nem pelo sertão só, nem pelo “Brasil” só, Carlos Alberto Steil, com este livro, acrescenta à produção antropológica brasileira um dos marcos analíticos que, perfeitamente situado na concretude de seu objeto, abre-se para as dimensões universalizantes de um fenômeno total.